



A Pesquisa e o Ensino de História da África no ISCED - Huíla (Angola): trajetórias e olhares cruzados

Lunzanjladia Augusta do Rosario Neto
Cananga

Instituto Superior de Ciências de Educação da
Huíla (ISCED - Huíla)
tanianeto2012@gmail.com

Marcelino dos Santos Guilherme

Instituto Superior de Ciências de Educação da
Huíla (ISCED - Huíla)
cubmarcelg@gmail.com

Oliveira Adão Miguel

Instituto Superior de Ciências de Educação da
Huíla (ISCED - Huíla)
oliveiraadaomiguel@gmail.com

Washington Santos Nascimento

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(UERJ)

washingtonprof@gmail.com

DOI: 10.22481/odeere.v3i5.4149

Resumo: Este relato de experiência traz quatro depoimentos de três alunos/a e um professor do programa de pós-graduação stricto sensu (mestrado) em Ensino de História da África do Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED - Huíla), situado no sudoeste angolano. Pretende-se acompanhar as trajetórias pessoais destes pesquisadores em torno do ensino e pesquisa em história da África, tanto em Angola quanto no Brasil.

Palavras-chave: Ensino, Pesquisa, África, Angola

Abstract: This experience report presents four testimonies of three students and a professor of the post-graduation program stricto sensu (master's degree) in Teaching History of Africa at the Higher Institute of Educational Sciences (ISCED - Huíla), located in southwest Angolan. It is intended to follow the personal trajectories of these researchers around teaching and research in African history, both in Angola and in Brazil.

Keywords: Education, Research, Africa, Angola

Em meio às aulas, trabalho de campo e a um evento acadêmico no Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED - Huíla), na cidade do Lubango, sudoeste angolano, surgiu a proposta deste trabalho, trata-se de uma forma de registrar a experiência que todos tiveram entre os dias 26 de junho e 02 de julho de 2018 que envolveu o curso “Historiografia africana: obstáculos e estratégias” no mestrado em Ensino de História da África do ISCED – Lubango/Huíla, a conferência Internacional "Sudoeste Angolano: Valências e Saberes Endógenos" realizado na mesma instituição e uma pesquisa de campo no bairro Forte de Santa Rita no Namibe, sul de Angola .

Os primeiros diálogos e rascunhos dos depoimentos que se sucedem abaixo foram feitos na sala de “pequeno almoço” do Residencial Katus, um pequeno hotel do Namibe. Depois de um dia exaustivo de trabalho, sentamos eu, Washington Nascimento e os discentes Oliveira Miguel e Marcelino Santos, para elaborar um pequeno roteiro de como estes depoimentos deveriam ser construídos e quais questões seriam abordadas no mesmo. Eles construíram então um pequeno rascunho, ao qual discutimos, e quatro dias depois me enviaram por e-mail o trabalho final. Depois disso convidamos Tania Neto, para fazer parte deste processo, pois a ideia inicial era a mesma participar do trabalho de campo, entretanto problemas particulares impossibilitaram esta primeira parte da atividade. O meu depoimento foi escrito ainda no aeroporto do Namibe, quando partia para Luanda e finalizado já em minha volta ao Rio de Janeiro.

Abaixo nossas trajetórias e olhares cruzados sobre pesquisa e ensino de história, que de certa forma não é só sobre o ISCED, mas também Angola e Brasil. Além disso no anexo, um programa do que foi a disciplina ministrada e imagens do curso, evento e trabalho de campo.

Oliveira Adão Miguel (Luanda, Cacuaco, Bengo, Huíla)

Começarei por fazer uma apresentação por obsequio para introduzir os prolegômenos da minha narrativa. Eu sou o estudante Oliveira Adão Miguel, matriculado no Mestrado de Ensino da História da África, criado pelo ISCED Huíla ao abrigo do Decreto Executivo n.º 29/11 referente ao Regulamento do Processo de Criação e Funcionamento de Cursos de Pós-Graduação em Instituições de Ensino Superior. É com muita satisfação e até prazer que me sinto honrado em participar da construção de artigos que visam enaltecer o ensino da História da África no mundo.

A minha história começa na província de Luanda, município do Sambizanga, bairro dos Ossos (local onde nasci e foi enterrado o meu umbigo). Passei parte da minha infância e adolescência no município de Cacuaco, comuna do Kifangondo (local onde aconteceu a célebre batalha do Kifangondo), bairro Garcia. Os meus pais biológicos são originários de Malange

(pertencem ao grupo Ambundo) e por ter tido oportunidade de ser um órfão de pai vivo, fui criado por um pai adoptivo do grupo étnico Ovimbundo da província do Cuanza Sul. Da parte da minha mãe, eu sou o primeiro filho dos nove (não tenho irmão do mesmo pai e mãe, mas ainda assim sou muito feliz).

Os meus pais sempre foram muito humildes e sustentavam as suas necessidades económicas trabalhando como camponeses, zungueiros, fotógrafos ou mesmo cupapata (um termo recente para significar mototáxi). Tínhamos uma vida muito dura, pois, passávamos a fome mais ao menos durante o dia para ter uma refeição só a noite, andávamos descalços, não tínhamos roupas de qualidade e suficientes. Fomos alvos de todo tipo de preconceito e discriminação, desde o racial, o partidário e até ao étnico. A nossa mãe sempre a tivemos como uma verdadeira guerreira, que fazia das tripas ao coração para manter a casa viva.

O nosso bairro naquele tempo, não tinha uma escola, posto médico, energia e água canalizada. Éramos uma espécie de afavelados velados, lançados a sua sorte, por este (des) governo que tinha que se debater também com a guerra civil que amordaçava o país a dentro. Foi neste contexto marcado por dificuldades de vária ordem que inaugurei a minha entrada na escola no ano de 1998, altura em que comecei a frequentar o Ensino Primário na antiga escola nº807 do bairro Kifangondo, município de Cacuaco, tendo concluído com a 6ª classe no ano de 2003. No ano de 2004, tendo tido a mesma oportunidade, dei sequência a formação, fazendo o I ciclo do Ensino Secundário, ao nível da 7ª e 8ª e terminei no ano de 2005.

No meu tempo entrar em uma do Ensino Secundário do IIº ciclo podia custar 500 a 700 USD devido a corrupção acentuada e exacerbada que existia nas escolas do Ensino Médio. Estudar em Luanda naquele tempo, não era para quem quer, mas para quem pode. A miséria da nossa família obrigou-nos a procurar no ano de 2006 a oportunidade de estudar o curso de Economia, especialidade de Contabilidade e Gestão no Instituto Médio Politécnico do Kimamuenho, na província do Bengo, município do Dande (no princípio pretendia fazer o curso de educação, especialidade de Geografia e Historia pelo que não foi possível).

Viver na província do Bengo foi a pior fase da minha vida porque faltava tudo: comida, material didático (sempre tive dificuldades com aquisição de livros), roupa, transporte, casa para morar, enfim. Todavia, em 2009, acabei concluindo a formação média com bastante sacrifício. Este acontecimento tinha quebrado o mito de que do meu bairro não podia se formar jovem alguns, pois, muitos já se tinham tornados beberões, prostitutas e delinquentes.

No ano de 2010 tive a oportunidade de ingressar na Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESP-Bengo), no curso de História, período diurno, a revelia do país, porque eles achavam que já

tinha estudado muito e já não havia dinheiro para me apoiar, pois, havia outros irmãos para estender a mão.

Em 2011, como tinha sido admitido ao concurso de ingresso de novos professores na província da Huíla, tive que me transferir da Escola Superior Pedagógica do Bengo para o Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla onde conclui com êxito a licenciatura em História no dia 18 de Setembro de 2014.

O ISCED-Huíla foi o meu esteio na formação em História e desta instituição conheci professores altamente competentes e qualificados como Mariete Costa, Marcelina Gomes, Hélder Bahu, Filipe Satyambula, Domingos Pascoal, Jacinto Pio Wakussanga, Kerlan, Matos, entre outros. Porém, se de um lado, a nossa formação nalguns casos tinha uma componente teórica alicerçada em fascículos do seculo passado, noutros casos, sempre faltou da parte de alguns professores a vontade em aumentar o nível académico e atualizar os seus conhecimentos.

Esta situação se repercutia na vida académica dos alunos que nem sempre tinham motivações de aumentar os conhecimentos através de pesquisas em bibliotecas. Junta-se a isso, a ideia de muitos estudantes da altura em querer terminar a licenciatura para ter o canudo e ganhar milhões, ao invés de se formar para a vida. Obviamente, tive colegas muito dedicados e inteligentes, que naquele tempo fizeram história, mas outros saíram tal como entraram por falta de outras experiências académicas ou mesmo motivações paralelas.

A universidade tem uma biblioteca, onde frequentei algumas vezes, devido as ausências que me envolviam entre o trabalho (sou professor no município da Matala, localidade que dista a 180 km do Lubango) e a faculdade, mas lá tenho memória de ter lido variadas teses de licenciatura e livros focados a minha área de formação. Participei de várias conferências, palestras e mesas-redondas, o que apetrechou ainda mais os meus conhecimentos.

Defendi a minha tese de licenciatura no dia 18 de setembro de 2014, com o título “o boom político em Angola: o surgimento de novas forças políticas de 1990/2012”. Esta tese, foi uma radiografia do passado e presente dos partidos políticos angolanos, uma análise pormenorizada da guerra colonial, guerra civil e da atual paz.

Depois de ter passado pelo ISCED-Huíla, publiquei os seguintes artigos no site Club K: o terrorismo e o fundamentalismo islâmico: uma putrefação incisiva do islão¹; a África entre a «cortina de fumo»: a utopia dos africanistas, as ditaduras e os golpes de estado nos pós independência². no ano de 2016, apresentei nas jornadas comemorativas ao dia da África o tema

¹ Ver o artigo: www.club-k.net/index.php?...o-fundamentalismo-islamico...oliveira...miguel.

² Ver o artigo: club-k.net/index.php?...afrika-entre-a-cortina-de-fumo...africanistas..

“A origem e expansão do Hip-hop no mundo: seu contributo na afirmação da identidade negra”. Os mecanismos de divulgação de artigos na província da Huíla ainda são muito restritos e elitistas, daí a escassez de livros e artigos publicadas por estudantes universitários ou mesmo docentes universitários.

No contexto angolano, o Mestrado do Ensino da História da África já existia no Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED-Luanda) e serviu de base para a formação de quadros que passaram a servir de docentes universitários e investigadores em várias instituições académicas do país.

A inauguração do Mestrado em Ensino da História da África promovido pelo ISCED-Huíla, surge com o intuito de colmatar défices na formação de quadros específicos para incentivar e consolidar conhecimentos antigos sobre o passado africano; criticar, discutir e construir uma nova epistemologia sobre os saberes endógenos da África; aprender a ver com olhos de ver uma nova África que só pode reerguer-se começando por se estudar o que já existe e reescrever a sua história, como parte da construção e consolidação das suas identidades.

Quando tomei a decisão de ingressar ao mestrado, fi-la por duas motivações fundamentais:

A primeira motivação que pode ser vista como extrínseca, está grudada a minha licenciatura (graduação) em Ensino da História pela mesma faculdade. Ao longo da jornada estudantil, tive disciplinas nucleares que alicerçaram os meus conhecimentos em História da Idade Antiga, História da Idade Média, História da idade Moderna, História da Idade Contemporânea, História da África e História de Angola. Estas disciplinas serviram de base para a minha fundamentação teórica sobre os acontecimentos históricos.

A segunda motivação que é mais intrínseca, posso vinculá-la a vontade de querer aprender mais sobre o continente africano, tendo uma visão panorâmica interior sobre o passado, presente e a perspetivação do seu futuro. O mestrado acaba sendo um espaço de fomento a investigação científica e transfere para o estudante conhecimentos necessários para a utilização de métodos e técnicas de ensino e divulgação da História de Angola e de África.

A motivação intrínseca também, também é um convite pessoal ao estudo de quem eu sou, de onde vêm os meus ancestrais e qual é o meu papel enquanto negro no mundo. Cresci estigmatizado pelos outros irmãos negros por ter uma pele mais escura que eles e sempre me fizeram acreditar na rua, em casa, na escola e na igreja que era inferior e tinha um corpo desenhado para escravo. E hoje ao estudar a História, percebo que tudo isso são apenas marcas pós-coloniais de quem teve o assimilacionismo como modelo de colonização e a cada dia que

passa reconstruo ou redefino a minha existência no mundo, sempre exercitando o meu respeito pelo outro.

A grelha de disciplinas que compõem o mestrado satisfaz as nossas expectativas e são uma mais valia para a promoção dos estudos africanos. A transmissão de conhecimentos teóricos tem sido alicerçada com os estudos de campo, como a que realizámos com os professores Washington Nascimento, Helder Bahu e a Sônia Domingos. Estas dinâmicas de aprendizagens criam em nós uma nova dimensão, a postura de futuros investigadores e construtores de saberes endógenos.

A história sempre foi uma ciência entendida como a detentora do passado, sem, no entanto, menosprezar o presente e o futuro. A não compreensão ou a ignorância de acontecimentos passados trouxeram para as homens consequências negativamente nefastas. Foi Cícero, um pensador antigo, que nos legou a ideia de que a história é a luz da verdade, a mestra da vida, a mensagem dos dias que não mais voltarão.

Os factos da história não devem ser descartados, nem tão poucos ignorados, sobretudo para a África que foi vítima de várias opressões como o tráfico de escravos, a escravatura, a colonização, o trabalho forçado e mais recentemente os golpes de estados, ditaduras, conflitos étnicos e religiosos e as guerras civis. Entendo que o passado tem dois olhos, o presente é caolho e o futuro é cego, e é neste diapasão que todo cidadão do mundo deve pensar que sem referências históricas fazemos um recuo à estaca zero e cometemos os mesmos erros.

É preciso ressaltar que estudar África não é um capricho, é um dever revolucionário que visa construir novos diálogos interculturais para o entendimento da alteridade alheia, pois, antes de eu ofender, defendo, antes de eu condenar, compreendo e antes de fazer “critique” sobre uma comunidade humana, coloco todo acontecimento dentro do seu contexto. Foi esta lógica de pensamento que nos legou o professor Washington Nascimento ao reabrir, o debate sobre os estudos africanos, a questão da alteridade e a revitalização dos pressupostos axiológicos das tradições africanas.

Estudar a história da África no actual contexto angolano é hoje um grande desafio pelo facto de se tornar importante o reestudo do pensamento científico de Cheikh Anta Diop, Amadou Hampate Bâ, Joseph Ki-Zerbo, Theofile Obenga, Francis Nanon, Elikia M’ Bokolo, Geoges James, Tempels e tantos outros africanistas que serviram de substrato para a construção de um conhecimento sobre o estudo da África. Todavia, o mundo hoje mestiço e o continente africano não foge a regra, por isso, se faz imperioso produzir uma nova história da África onde cabem todos.

Finalmente, quero apenas agradecer ao professor Nascimento pelo ensejo que me dá para poder escrever um artigo que espero ser útil para quem o vai ler e compreender o ensino da história da África no nosso contexto.

Lunzanjyladia Augusta do Rosario Neto Cananga (Lubango/Huíla)

Antes de mais, agradeço por ter a oportunidade de participar desta pesquisa e espero que o meu modesto contributo ajude. Sou a estudante Lunzanjyladia Augusta do Rosario Neto Cananga, mas conhecida por “Tania Neto”, natural do Município do Lubango Província da Huila, nascida aos 28 de maio de 1979, casada, professora de Educação Moral e Cívica e de História no Colégio n.º 110 – 27 de março.

Possuo uma família unida por fortes laços de consanguinidade e por afinidade, onde o amor e a interajuda prevalecem. Os meus estudos primários foram feitos na Escola 11 de novembro, o ensino secundário na escola Mandume, terceiro nível na escola 27 de março, Ensino Médio, no Instituto Médio Frederich Engels, finalizado em 1997. Por falta de Universidades e pelo facto do país neste período estar a viver uma guerra civil não me permitiu continuar os estudos. Em 2008 ingressei no Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED - HUÍLA), na opção de História, por meio de um exame de admissão e em 2015 conclui com a licenciatura no Curso de História.

Ao longo da minha formação académica, abordamos conteúdos de História de uma maneira geral e na licenciatura com o estudo da História de África, possibilitou-me compreender sobre a problemática da inexistência da História de África, algo que eu desconhecia, relativamente aos mitos de incapacidade dos africanos de que nada deram a humanidade perpetuado por autores europeus, com o propósito de inferiorizar os africanos e possibilitar a colonização, mas com o estudo pormenorizado, despertou-nos a consciência e podemos entender que África sempre teve História e que não somos um povo inferior. O estudo e investigação dos processos históricos contribuiu para o desenvolvimento das minhas capacidades de análise, síntese, sentido crítico e atitudes de reflexão e pesquisa.

Agora, com o nosso ingresso ao curso de mestrado em Ensino de História de África, as disciplinas de Sociologia, Arqueologia, Antropologia e Historiografia Africana, elucidaram os níveis de conhecimentos sobre as valências de África, bem como o desenvolvimento de habilidades para a pesquisa de campo desconstruindo a ideia de que a História ou investigação só deve ser elaborada a partir dos saberes exógenos, compreendemos que hoje, sem menosprezar o que foi

escrito devemos olhar para África com novos olhos de ver, centrar os nossos estudos no “outro” no africano ou seja buscar a partir dos saberes endógenos os conhecimentos “desconhecidos”.

Por outro lado, esta formação, fortificou a nossa confiança na tradição oral, como uma grande e poderosa fonte de pesquisa, e apegamo-nos na seguinte passagem de Hampate Bâ:

[...] para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder a oralidade a mesma confiança que se concede a escrita quando se trata do testemunho de factos passados [...] o testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem³.

Trouxemos esta passagem como uma das grandes desconstruções que aprendemos neste mestrado e que muito vai marcar este curso e abriu o nosso caminho para futuras investigações.

Também, com as novas abordagens trazidas, compreendemos que estamos numa nova era para a construção da História de África, em que, os variados registos são importantes ou seja todas as expressões humanas servem de fontes para História, a música, a dança a literatura, as fontes visuais, estas devem ser resgatadas e valorizadas e como a África ainda tem um problema de uma História muito antiga, com esta nova perspectiva de investigação vai ajudar a construir e reconstruir a nossa História, descolonizando-a, dando ênfase aos factores internos africanos aos saberes endógenos em oposição aos factores externos.

Acredito que esta formação despertou em nós o espírito investigativo e orientou-nos de forma clara e objectiva, sobre como contribuirmos para o desenvolvimento do Ensino da História de África em Angola, bem como para a sua re(construção), apegando-se em todas as expressões humanas disponíveis no continente. Os conhecimentos obtidos em todas as disciplinas deste mestrado, contribuíram para alavancarmos e aprofundar os nossos estudos em estudos africanos, alicerçados com a pesquisa de campo.

O Conhecimento da História, porém mais do que servir para legitimar ou contestar poderes deveria ser um precioso instrumento de análise do presente, este presente que interpela o passado procurando explicações e até (diz-se com optimismo) ensinamentos. Embora pouco se aprenda com os erros dos outros, hoje como ontem, é legítimo supor que o melhor conhecimento do passado ajude a perceber o actual e a conceber um futuro menos sombrio. E para nós os africanos este estudo da História de África deve servir para refletirmos sobre o nosso processo histórico, onde saímos e para onde queremos ir, despir-se das amarguras da colonização, refletir

³ HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (coord.) *História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 168.

também sobre os nossos erros e procurar as soluções para os diferentes problemas que o continente enfrenta.

Para concluir, o meu muito obrigado em especial ao professor Washigton pela grande experiência que nos transmitiu. “Um país que para de reflectir sobre seu passado esta condenado, a longo prazo, a perder de vista a verdade e andar perigosamente à deriva”⁴.

Marcelino dos Santos Guilherme (Cunene, Lubango/Huíla)

Sou o Marcelino dos Santos Guilherme, professor, licenciado em sociologia e mestrando em Ensino de História de África pelo ISCED-Huíla. Nasci aos 13 de Março de 1985, sou originário do Cunene (Ambó), onde me encontro actualmente a residir e adoptado acções de pesquisas que visam a reconstrução histórica desta heroica Província. Heroica porque desde os primórdios da luta contra opressão colonial destacaram-se nesta Província figuras como o rei Shahula-sha-Hamadila, Weyulo, Shiula, Nande ya Hedimbi, Otchihetekela, Mandume ya Ndemufayo entre outros. Este tem sido o mote das minhas pesquisas. Na minha família não tem assim um grande legado de estudiosos, talvez se justifica por um número considerável dos mesmos residirem em zonas rurais.

Há um interesse cada vez maior de jovens angolanos alargarem o leque de conhecimento, aumentando o seu nível académico. Nesta perspectiva, desloquei-me da Província do Cunene para Huíla onde frequentei o mestrado em Ensino de História de África no ISCED-Huíla. Cunene conta com duas Instituições de Ensino Superior, nomeadamente a Escola Superior Pedagógica do Cunene e o Instituto Superior Politécnico do Cunene, todos afetos a Universidade Cuíto Cuanavale, sediada na Província do Cuando Cubango. Devido a limitação de cursos existentes nestas IES, e visto que os cursos existentes não correspondem ao curso que frequentei a nível do ensino médio, tive de deslocar até à Província da Huíla em 2012 onde frequentei a minha licenciatura (graduação) em sociologia.

Pela necessidade de um conhecimento mais profundo a respeito da história de África, associado ao facto de ser professor (do ensino médio no magistério de Namacunde), decidi então dar sequência a nível do mestrado em História de África. Em 2017 foi aberto um programa na Universidade Cuito Cuanavale que previa a substituição de professores estrangeiros por nacionais, e através do INAGBE (Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de estudos), fui contemplado com

⁴ BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: O Desafio da História Regional*. RJ: Centro de Estudos Afro-Asiáticos/Universidade Cândido Mendes, 2.000, p. 42.

uma bolsa de estudos para frequentar o curso do mestrado no Brasil, na Universidade Estadual Paulista. Por razões não esclarecidas, tal facto nunca chegou a se concretizar. No início do corrente ano (2018) apercebi-me que pela primeira vez, abriria no ISCED-Huíla a primeira edição de Mestrado em Ensino da História de África. Vi nisto a oportunidade de concretizar um desejo antigo que é o de reconstruir a história de África partindo de um olhar endógeno. Existem aspectos antropológicos em África que muitas vezes ao serem estudados de fora para dentro surgem carregados de preconceitos que não condizem a realidade, a título de exemplo é uma pesquisa recente que fiz intitulada "Poder Político nos Estados Pré-coloniais Ambós (Cuamátui e Kwanyama) e os atuais sistemas de estratificação social no Cunene: uma abordagem comparativa", neste estudo apresento uma discussão entre uma fonte escrita de Padre Carlos Estermann e uma fonte oral recolhida do actual rei de Ombala ya Naluheke (Mário Satipamba), onde na cronologia sobre a sucessão dos Reis de Ombala ya Naluheke e Ombala yo Mungo, constatei algumas divergências entre as duas abordagens. Este tem sido um dos factores motivacionais da necessidade de um aprofundar de conhecimentos sobre a historiografia africana. As minhas pesquisas têm sido essencialmente sobre questões ligadas às famílias matricentricas em África, o património histórico cultural africano e pesquisas sobre o grupo etnolinguístico Ambó. Ambós compreendem ao todo doze (12) tribos, espalhados no Sul de Angola e Norte da Namíbia. "A terra habitada pelos Ambós situa-se no funil aberto para o sul, formado pelos rios Cunene e Cubango, abrangendo o espaço que vai do 16.º grau de latitude sul até à fronteira ou até perto do lago Etocha (...) nesta região se fixaram, é impossível dizer há quantos séculos, os povos bantos do grupo Ambó"⁵. Das doze tribos Ambós, tenho me focado essencialmente nos Cafima, Evale, Kwanyama, Cuamátui, por se encontrarem na Província do Cunene (Angola). Do lado da Namíbia encontramos os Eunda, Colucatsi, Balântu, Cualuthi, Gandjela, Dombodola, Cuambi e Dongas.

A experiência do mestrado em Ensino de História de África no ISCED-HUÍLA tem sido boa, temos professores com experiência comprovada a nível da docência e um vasto conhecimento sobre história de África, facto que tem garantido uma relação saudável com os diferentes professores e colegas.

Neste momento decorrem as aulas do módulo sobre "Historiografia africana: obstáculos e estratégias", a ser ministrado pelo Dr. Washington Santos Nascimento, um estudioso brasileiro que tem efectuado pesquisas interessantes sobre África. Das suas pesquisas sobre África destacam-se os livros: *Intelectuais das Áfricas e Etnicidade* e *Transito: estudos sobre Bahia e Luanda*. A importância deste módulo está a ser sobretudo no sentido de me ajudar a redefinir as

⁵ ESTERMANN, Padre Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola*, 2ª ed. I volume, C.S. Sp., 1960, p.80.

estratégias de pesquisa, com ênfase à necessidade de um olhar endógeno à História de África. É a primeira vez que tenho um professor brasileiro e confesso que está a ser uma experiência bastante agradável devido a sua forma didáctica de abordagem e sobretudo pelo facto de ser um pesquisador preocupado em relação a reconstrução da história do continente. Este escrito foi feito a partir da Província do Namibe, onde viemos participar de um trabalho de campo a ser orientado pelo professor Washington.

Esta experiência despertou em mim não só o desejo de continuar a nível do doutoramento em história, mas acima de tudo o desejo de frequentar o doutoramento no Brasil, por ser um país com longo histórico de pesquisas científicas sobre a África. O Brasil comemora agora 10 anos da lei 11.645/08, um instrumento jurídico que institui o ensino da História da África, afro-brasileiros e história dos povos Indígenas brasileiros.

Há claramente um interesse dos intelectuais africanos em pesquisas viradas a historiografia do continente, destacando interesse nos vestígios arqueológicos, antropológicos e culturais, partindo essencialmente de um olhar de dentro para fora. A título de exemplo foi o mais recente evento levado a cabo pelo ISCED-Huíla, que foi a Conferência Internacional Sobre Valências dos Saberes Endógenos.

O ensino da História de África vai cada vez mais ganhando espaço, devido a necessidade de um conhecimento profundo a respeito do continente, mas existem ainda barreiras políticas que hoje condicionam o aprofundamento de uma pesquisa baseada na neutralidade axiológica. O apelo vai para três segmentos da sociedade:

Primeiro aos jovens, que têm mostrado pouco interesse no aprofundar de pesquisas sobre a história local, no sentido de envolverem-se mais na recolha de fontes orais junto dos mais velhos, para a transmissão da mesma as futuras gerações. O segundo apelo vai para os mais velhos, no sentido de abrirem-se, mas, e irem passando as suas vivencias anteriores a esta nova geração para garantir o registo em livros, artigos, vídeos e tantos outros registos. O último apelo e não menos importante vai para as elites africanas, no sentido de haver concertos de irmãos desavindos, em que a africanidade fale mais alto que as cores partidárias, no sentido de se reescrever uma verdadeira história geral da África.

Paz e amor a todos os povos do mundo !

Washington Santos Nascimento (Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro).

Meu nome é Washington Santos Nascimento, sou professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pai de Amanda. Sou filho também de Uilson e Cidinha, tendo nascido na Fazenda Santo Antônio, zona rural da cidade baiana de Maracás. Entretanto sou natural de outra cidade, Jequié/BA, pois antes de nascer meus pais me levaram para um hospital desta cidade (um centro maior) para que lá pudesse vim ao mundo.

Sou filho de um faz-tudo (fazendeiro-agricultor-caminhoneiro-vendedor de umbu e gás) e uma professora, foi com ela que fui alfabetizado, ainda na “roça”, em uma turma multi-seriada (no mesmo espaço alunos em processo de alfabetização e da então primeira a quarta série). Com 8 anos, mudei-me saí da zona rural e fui morar com minha Tia Lita em Jequié, para continuar meus estudos. Um ano depois minha mãe veio para a cidade e passamos a morar na mesma rua da minha Tia, junto com minha irmã. Passei por diferentes colégios até me decidir depois do ensino médio fazer o curso de história. Não sei, nem lembro exatamente porque escolhi este curso, acho que foi mais pelo perfil de quem faz história, do que saber exatamente o que faz um historiador. Entre ser advogado e ser historiador, achei que o segundo tinha mais o meu perfil.

Fiz minha licenciatura em História na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), onde fui aluno e professor substituto de história da América. Minha pesquisa da graduação foi sobre conflitos agrários e populações negras na região da região de Ituaçu, chapada diamantina/BA⁶. De lá saí para cursar mestrado e doutorado em São Paulo (na PUC-SP e USP) respectivamente.

Meu contato com história da África, se deu por volta de 2003, na época a lei 10.639/2003 instituiu na rede básica de educação, o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Naquele momento por pesquisar as populações negras do interior baiano, acabei por virar um pouco “especialista” em África (?), os tempos eram outros. O contato com os verdadeiros especialistas, meus amigos e colegas de departamento de História, Grazielle Novato e Jorgeval Borges, me puseram em contato com uma bibliografia completamente desconhecida para mim. Deste tempo destaco os livros do John Thornton, “A África e a formação do mundo atlântico”, da Marina de Melo e Souza, “Reis Negros no Brasil Escravista”, do João Reis, “Rebelião Escrava no Brasil”, “Trato dos Videntes” do Luiz Felipe de Alencastro, o primeiro volume do “História Geral da África” ... como os livros que mais me influenciaram. A criação do Grupo de Estudos e Pesquisas

⁶ NASCIMENTO, Washington Santos. Conflitos agrários na transição dos séculos: Complexidades e desdobramentos no povoado da Mangabeira - Ituaçu/BA. *Graduação em História*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2003.

em História da África e da América Negra (GEPHAAN) e seu desdobramento na pós-graduação lato sensu do Museu Pedagógico potencializaram ainda mais estas pesquisas fazendo com que durante o mestrado em São Paulo procurasse disciplinas que ajudassem na minha formação nesta área. A primeira disciplina com este perfil foi no ano de 2007 na PUC-SP com o professor nigeriano Toyn Falola, que estava no Brasil realizando uma série de atividades. Nesta disciplina conheci a atual professora de história da PUC – Rio, Regianne Augusto de Mattos, que possibilitou meu contato com a disciplina História da África na USP e com aquela que viria a ser a minha orientadora de doutorado, Leila Leite Hernandez.

No doutorado resolvi mergulhar de vez nos estudos e pesquisas em história da África, lembro que havia um conjunto de cópias (xerox) de alguns livros de história da África no departamento de História, organizado pela Grazielle Novato (Gal) para o concurso de História da África, com a autorização dela, peguei estas cópias, e fiz um roteiro de leitura, que começava com as obras do Alberto da Costa e Silva (*A Enxada e a Lança*, *A Manilha e o Libambo* e *Um Rio Chamado Atlântico*), Paul Lovejoy, Walter Rodney, Basil Davidson, Leila Leite Hernandez e etc. Em relação ao tema de pesquisa do doutorado a escolha foi feita depois da leitura do livro de memórias de Luís Bernardo Honwana, um assimilado moçambicano. No mestrado tinha pensado muito no papel dos mestiços e na ideia dos entre-lugares (ai uma influência do Homi Bhabha, que naquele momento da PUC estava bem em evidência) e achei que os estudos sobre os assimilados no continente africano me possibilitariam aproveitar estas reflexões. O recorte espacial por Angola, se deu por que já tinha visto trabalhos sobre este tema sobre Moçambique, então Angola me parecia ainda um campo a ser construído, além disso havia algo mais subjetivo que era a forte influência de povos bantos/angolanos no sertão baiano, algo que tinha visto em minha pesquisa de mestrado⁷.

O doutorado foi feito na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), na medida do possível aproveitei ao máximo todas as disciplinas de África que foram oferecidas no tempo que lá estive como aluno (entre 2009 e 2013), fiz disciplinas em diferentes departamentos, em Antropologia com o Kabenguele Munanga, nas Literaturas com o Benjamin Adbala, Tania Macedo e Vima Martin, na História com a Leila Hernandez e Marina de Mello e Souza e na Sociologia com o Michel Cahen. Além disso, dialoguei com diferentes pesquisadores que naquele momento estavam fazendo seus mestrados ou doutorados em História da África (ou temas próximos) como Alexandre Marcussi, Carolina Bezerra, Gabriela

⁷ NASCIMENTO, Washington Santos. *Construindo o "negro": lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista -BA (1870-1930). Mestrado em Ciências Sociais*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2008.

Santos, Isa Bandeira, Isabelle Somma, Luana Antunes, Mariana Bracks, Marly Schaparelli, Mbuta Zawa, Paulo Cambell, Reggianne Mattos e etc.

O fato de ter me mudado da Bahia para São Paulo no segundo semestre de 2009, com minha companheira a época e minha filha e não ter conseguido a bolsa de doutorado, nem emprego, me tirou completamente o chão no primeiro semestre de 2010, quando o dinheiro que tinha guardado tinha acabado. Isto me fez reorientar minha pesquisa de doutorado da ideia inicial de ir a Angola, tinha que pensar como fazer tal pesquisa a partir do Brasil. Foi quando minha orientadora Leila Hernandez, me sugeriu a leitura do livro do Júlio Pimentel, “Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges”. Esta obra me abriu horizontes que foi o diálogo com a literatura demarcado definitivamente não só a tese que viria a escrever nos anos seguintes, como a minha própria atividade de pesquisa hoje. Além disso já a partir do segundo semestre de 2010, tive que mergulhar na cidade de São Paulo (e suas cidades do entorno) trabalhando instituições do ensino fundamental II, ensino Médio, graduação e pós-graduação em Jandira, Cotia, Mogi das Cruzes, Itapeverica da Serra e São Paulo, o que aprendi sobre relações humanas e viver em uma metrópole, são conhecimentos que também me marcaram definitivamente.

Depois disto o desenvolvimento da tese aconteceu sem maiores dificuldades, com uma orientação segura e o uso de literatura angolana, memórias e entrevistas de ex-assimilados, me possibilitando assim tentar fazer um olhar ao menos parcialmente a partir de Angola (mais propriamente Luanda) e seus personagens, defendendo a mesma em 2013⁸.

No ano de 2013- 2014 trabalhei como diretor geral de uma faculdade na cidade de Jandira/SP e em 2015 fiz um concurso e fui aprovado como professor de história da África da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde estou até os dias atuais, atuando também com história contemporânea.

A ida para o Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) na província da Huíla, uma instituição pública de ensino superior, situada na cidade do Lubango (sudoeste de Angola), para ministrar disciplina no mestrado em Ensino de História e participar do Congresso Internacional Valências e Saberes Endógenos, ocorreu dentro do projeto “Namibe: espaço, memória, imagem, dinâmicas sociais e globalização” que contou em seu início com a participação das Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (UAN) em Angola, Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),

⁸ NASCIMENTO, Washington Santos. Gentes do Mato: os "novos assimilados" em Luanda (1926 - 1961). *Doutorado em História Social*. Universidade de São Paulo, 2013.

no Brasil; Universidade de Lisboa, em Portugal; e Universidade de Colónia e Universidade de Bayreuth, na Alemanha, coordenados pelo professor Dr. Paulo de Carvalho (Universidade Agostinho Neto – Angola) e Dra. Selma Pantoja (Universidade de Brasília – Brasil)⁹.

A ideia era (e ainda é) envolver instituições locais, seus professores e alunos, neste projeto coletivo de pesquisa e intervenção científica, assim o ISCED – Huíla, situado no Lubango, distante 180 quilômetros do Namibe, pareceu ser o parceiro natural deste projeto. Em comparação as universidades no continente africano, as instituições angolanas têm uma história relativamente recente. Particularmente o ISCED-Huíla foi criado em 1980 pelo decreto N°95/80 de 30 de agosto como uma das unidades da Universidade Agostinho Neto, ganhando autonomia em 2009 pelo Decreto nº 7/09 de 12 de maio. Desde seu início ele tem seu foco na formação de professores para as áreas de Biologia, Educação Física e Desportos, Filosofia, Física, Geografia, História, Informática Educativa, Francês, Inglês, Matemática, Pedagogia, Psicologia, Química e os mestrados em Desenvolvimento Curricular, Ensino das Ciências, Ensino da História de África, Ensino da Língua Portuguesa e Ecologia e Gestão de Recursos Naturais¹⁰. Tem aproximadamente seis mil e quinhentos estudantes e cento e cinquenta professores, enfrentando atualmente, como outras instituições angolanas, a dificuldade de contratação de professores, como por exemplo, no caso do ISCED, de língua Portuguesa¹¹.

O mestrado em Ensino de História da África teve início no mês de março de 2018, junto aos programas em Língua portuguesa e Gestão dos Recursos Naturais. Trata-se de um programa pago pelos alunos (diferente da graduação que é gratuita) e segundo o Centro de Investigação e Desenvolvimento da Educação (CIDE), órgão interno que coordena o programa nasceu:

Atendendo à necessidade de se fazer uma releitura da História, tendo em conta o facto de se ter passado para uma perspectiva da mesma que contraria o modelo anterior, a História dos vencedores, o CIDE-ISCED tomou a iniciativa de introduzir um projecto de mestrado em Ensino da História de África, aprovado em decreto executivo nº 575/17. O mesmo constitui uma oportunidade ímpar para problematizar, discutir e desconstruir determinados postulados outrora doutrinados. Trata-se de mais uma oferta formativa ao nível do sudoeste angolano, e não só, que poderá fornecer importantes instrumentos didáctico-metodológicos para o ressurgimento da pesquisa histórica da região e do país¹².

⁹ O projeto tem sofrido algumas alterações com a saída de algumas instituições (e pesquisadores) a entrada de outros.

¹⁰ Dados disponíveis no site da instituição: <https://www.isced-huila.ed.ao>.

¹¹ Huíla: ISCED pretende transformar-se em Universidade Pedagógica. Agência Angop, 18 de Julho de 2017. Disponível em http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/educacao/2017/6/29/Huila-ISCED-pretende-transformar-Universidade-Pedagogica,a049fab8-3003-49c4-90da-fec16de03e02.html. Acesso em 09 de Julho de 2018.

¹² <https://www.isced-huila.ed.ao/page/cide>. Acesso em 09 de Julho de 2018.

Segundo o mesmo órgão ele tem por perspectivas: Organizar cursos de análise de dados (pesquisa qualitativa e quantitativa); Elaborar a carta turística e arqueológica da província da Huíla; Elaborar a “carta religiosa” da província da Huíla, georreferenciar e relatar o histórico dos locais de culto na província da Huíla; Organizar uma conferência sobre o quadro geoestratégico internacional visando desta forma concretizar o projeto “O Que Resta do Étnico em Angola? Um Olhar Sobre as Idiossincrasias Culturais do Sudoeste e Centro de Angola” que consistirá na compilação de pequenos filmes etnográficos do Sul de Angola e contará com o apoio técnico da produtora cinematográfica Geração 80, além de realizar uma conferência internacional sobre minorias étnicas, com especial atenção para o município dos Gambos. Tendo como organizadores deste programa os professores: Helder Alicerces Bahu, António Valter Chissingui, João Hequer e Abel Bala¹³.

O curso é dividido em 12 módulos (disciplinas): 1. Didática do Ensino Superior, 2. Arqueologia, Museologia e Patrimônio africano, 3. Sociologia das Sociedades Africanas, 4. Angola pré-colonial e os seus estados, 5. Antropologia das Sociedades Complexas Africanas, 6. Historiografia Africana: obstáculos e estratégias, 7. Metodologia de Ensino da História, 8. Noções de Cartografia Histórica, 9. História das Relações Internacionais Africanas, 10. História Moderna e Contemporânea, 11. História do Nacionalismo Angolano e 12. Métodos de Recolha e Pesquisa Histórica. O módulo ao qual lecionei foi “Historiografia africana: obstáculos e estratégias”. O primeiro desafio era algo que já no Brasil tento fazer, que é colocar o máximo possível de intelectuais do continente africano e o segundo foi levar uma disciplina “pré-pronta” (com os textos enviados pelo e-mail) para uma turma sem antes dialogar com ela¹⁴.

No primeiro olhar para a turma (de 35 alunos) o que me chamou atenção no início foi o fato de praticamente todos estarem de terno (um formalismo que perdemos aqui no Brasil) e a forte predominância masculina, ou seja, dois terços da turma era composta por homens, em um país onde a maioria da população é feminina. Além disso o caráter diverso das propostas de pesquisa que eles imaginavam desenvolver no decorrer do trabalho.

Como estes alunos na sua graduação em história fazem primeiro uma grande comum e generalista (em “ciências da educação”) talvez isso explique porque tão poucos trabalhos eram no recorte mais propriamente da história, as propostas de temas foram extremamente diversas: estudos sobre a democracia no continente, processos eleitorais, lideranças africanas, relações internacionais, Máscaras Muana Puó, Formação de Cabinda no contexto das linhagens conguesas,

¹³ Informações disponíveis na página do Centro de Investigação e Desenvolvimento da Educação (CIDE). Disponível em: <https://www.isced-huila.ed.ao/page/cide>

¹⁴ Nos anexos colocamos o plano de curso desenvolvido.

pobreza e subdesenvolvimento, principais atores militares estrangeiros no conflito angolano, poder nas sociedades tradicionais hoje, sociologia africana e governação política etc. Apesar da diversidade, os temas da turma pareceram seguir uma tendência já vista quando da construção de uma história para o continente africano, a Coleção História Geral da África, ou seja, uma forte predominância da política e da ideia de soberania¹⁵.

Nas falas dos alunos sobre os temas também havia uma preocupação de pensar estas temáticas de forma “endógena”, ou seja, a partir de Angola, com terminologias próprias, por exemplo, ao invés de pensar em “sociedades étnicas”, trabalhar com a ideia de “sociedades complexas”, percebendo também a importância dos povos locais (suas leituras de mundo e processos de aprendizagens) e das línguas locais, ressaltando o como para os povos do sul era difícil “nasalmente”, pluralizar, sendo a construção “As criança”, ou “As casa”, mas adequada aos sons produzidos pelas línguas originárias destes povos. (Interessante destacar que em minha pesquisa de campo no Bairro Forte de Santa Rita, no Namibe, as crianças e adolescentes faziam brincadeiras como a forma como eu pluralizava tudo). Em grande parte, estas falas reverberavam as questões discutidas na Conferência Internacional “Valências e Saberes Endógenos do Sudoeste Angolano” que ocorria no ISCED concomitante a nossa disciplina.

Me chamou também atenção neste primeiro diálogo com os alunos, o quanto grande parte de suas pesquisas giravam em torno de leituras de bibliografias secundárias, com muito pouco trabalho de campo. Até criaram um termo para aqueles que vão por este caminho, os “citadólogos”, ou seja, pesquisadores que se resumem a citar e citar cada vez mais bibliografias, para mostrar uma suposta erudição. Por conta disso redirecionei o nosso primeiro encontro para falar da minha trajetória na pesquisa de campo, e os diálogos que fiz com a historiografia africana neste processo. Além disso sugeri aos mesmos fazer um processo de recolha de fontes locais (orais, escritas, visuais e materiais), para que pudessemos discutir em nosso último encontro sobre a recolha e tipologia destas fontes.

Alguns dos alunos foram também ao Namibe me auxiliar no trabalho de campo junto ao Bairro Forte de Santa Rita, aliás a própria ideia de estudar o bairro, os povos que formaram ele (os Kimbalis) e o carnaval foram sugestão de uma aluna, a Lunzanjyladia Cananga (Tânia Neto). Sem o auxílio dos alunos João Carlos Missesse, Frederico Pahula Mário, Paulo César, Marcelino dos Santos e Oliveira Anestesia o trabalho de campo seria mais difícil, além de me oferecerem a estrutura de suporte para chegar até a cidade do Namibe e o bairro, a possibilidade de andar com

¹⁵ BARBOSA, Muryatan S.. A construção da perspectiva africana: uma história do projeto História Geral da África (UNESCO). *Revista Brasileira de História* (Online), v. 32, p. 211-230, 2012.

eles e ver seus pontos de vista, reflexões e interferências em nosso fazer de pesquisa com certeza interferirão de forma positiva em nossa produção futura. No bairro entrevistamos carnavalescos, que nos mostraram seus instrumentos musicais e a história do carnaval, moradores antigos, o soba local que nos falou dos antigos e atuais rituais que ainda dão coesão a aquele grupo social e visitamos também o Cemitério do Bairro.

O Cemitério pode ser entendido como um grande arquétipo da história antiga e recente de Angola, sua espacialização reflete também as clivagens econômicas existentes e as disputas de poder na sociedade angolana e do Namibe em Particular. Dividindo -se entre uma seção onde estão enterrados os pernambucanos e portugueses, uma outra dos africanos (onde se encontra a arte mortuária kimbali), uma terceira dos guerrilheiros encontrados mortos e ainda sem identificação durante a luta colonial e luta civil e uma última mais nova, já contando com a presença de “orientais” (ao que parece, mais propriamente vietnamitas).

Voltando a falar das aulas ministrada, a despeito de poucos terem lido os textos sugeridos, foram alunos bem-falantes, com perguntas e questões de diferentes ordens, muitas vezes querendo saber mais sobre o Brasil e se o que viam na TV Record, era verdade ou não. Alguns temas ressaltavam ainda mais: a violência do Rio de Janeiro e a greve dos caminhoneiros. Em relação aos autores citados em sala de aula destaca-se a importância do Cheik Anta Diop, Joseph Ki-Zerbo, Achile Mbembe, Abdias do Nascimento e alguns intelectuais angolanos que por serem desconhecidos por mim, não conseguir gravar seus nomes, a exceção do Boubacar Keita.

Um primeiro repensar que tive ao ministrar a aula foi em relação aos recortes espaciais, normalmente aqui do Brasil trabalhamos muito a partir do eixo África, não que a ideia de continente não estivesse presente, entretanto minha “fala espacial” redirecionou-se Angola e mais propriamente o sudoeste/sul angolano. Neste sentido Luanda deixava de ser para mim uma referência, sendo apenas pontualmente citada em sala de aula, como contraponto as realidades distintas daquela região.

Da mesma forma senti uma grande pluralização dos grupos originários nas falas dos alunos, normalmente falo muito dos kimbundus, Umbundos e Bakongos. Na sala de aula do ISCED dezenas de outros grupos emergiram em meio aos debates em sala de aula, como os reinos do cunene pré-colonial: Cuamátui e Kwanyama, o povo ovakwanhama do Rei Mandume e etc, revelando para mim uma realidade ainda mais diversa do que eu imaginava (a realidade do sudoeste e sul angolano) e as imprecisões dos marcos territoriais dados pelos estudiosos europeus, além de nomes dados para alguns dos grupos locais. Particularmente no Namibe, o termo Mucubal, uma sub-etnia Herero era largamente mais citado do que o macro grupo, da

mesma forma que Namibe era recorrente nas falas dos meus alunos, apesar do nome Moçâmedes ter sido o nome oficial até poucos anos atrás (2016).

Em relação aos nomes próprios africanos foi interessante o diálogo que travei fora da sala de aula com dois alunos, perguntei a eles porque normalmente me diziam seus “nomes portugueses” e não os da família. Segundo um ex-aluno do ISCED, Paulo César o nome africano é uma senha de identidade, apenas acessível a membros mais próximo da família extensa, uma forma de reconhecer e ser reconhecido por seus parentes. Já Marcelino (aluno do Mestrado do ISCED) lembrou que esta era também uma forma de proteção durante a guerra colonial e guerra civil (ou “segunda guerra de libertação nacional” na palavra de alguns alunos) e que muitas vezes neste período membros de uma mesma família trocavam seus nomes como uma forma de confundir as autoridades coloniais e assim evitar uma perseguição sistemática aos membros de toda a família.

Esses diálogos sobre os nomes e povos originários só me reforçou a ideia do quanto ganharíamos aqui no Brasil caso nos dedicássemos com mais atenção aos estudos dos nossos autóctones, sem o fetiche do recorte “étnico”, pensando os mesmos em suas complexidades e de que forma eles ressignificam e reelaboram suas “tradições”. Um exemplo que me deram foi como os povos mucubais (do sul angolano) substituíram o calçado feito a partir de pele de caça, por calçados de borracha de pneu de caminhão, estes mais duráveis do que os de pele, sem, entretanto, perder a ideia/simbologia do calçado. Eu também chamei a atenção deles de como a nossa geografia da sala estava montada, ou seja, com os mais velhos ao centro, mostrando assim que por mais que eles estivessem vestidos “á europeia”, isso não tinha significado a perda de alguns valores essenciais e de suas “tradições”.

Outro debate interessante que tivemos foi sobre como os enquadramentos coloniais constroem mapas cognitivos que direcionam o nosso olhar sobre as realidades africanas, fazendo com que não saíamos do saber construído a partir do colonial, assim o que sugeri é que ao invés de partir do documentos do colonizador, fossem para o campo primeiro, ou seja, mudar o ponto de partida, porque isso interferirá no que encontraremos em nossa pesquisa. O exemplo que demos foi sobre as fotografias, de que em grande parte eram “fotos montadas” pelo colonizador e não necessariamente correspondiam as realidades sociais descritas e que acabava por redirecionar nosso olhar.

Alguns diálogos foram muito interessantes: como a inadequação da ideia de griots para as realidades angolanas, preferindo-se a ideia do “mais velho”; como a guerra era um ausente presente em nossas aulas interferindo na trajetória de vida (e escolar) de diferentes alunos; a ideia

de guerra civil x “segunda guerra de libertação nacional”, os debates sobre gênero e diversidade sexual parece não ser mais tabu; como as questões de governança política e o papel liberalizante que o novo presidente João Lourenço parecia ter; as disputas entre os partidários do MPLA e os críticos ao partido...

O fim do curso, com certeza não foi o fim do curso, recebi alguns livros para que eu os copiasse aqui no Brasil, bem como uma fita VHS para transformar em cd e depois devolver a mesma, além de algumas encomendas para levar até o Namibe quando voltasse, além disso propostas de escrever artigos em conjunto com os alunos/as.

Ao retornar ao Brasil, fiquei pensando o quanto depois dessa experiência, aquele outro angolano, se tornou um eu-mesmo para mim, e o quanto o outro brasileiro, tinha se tornado um eu-mesmo angolano, sem deixar, entretanto de ser um outro e um eu-mesmo.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Muryatan S. A construção da perspectiva africana: uma história do projeto História Geral da África (UNESCO). *Revista Brasileira de História* (Online), v. 32, p. 211-230, 2012.

BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: O Desafio da História Regional*. RJ: Centro de Estudos Afro-Asiáticos/Universidade Cândido Mendes, 2.000, p.35-64

ESTERMANN, Padre Carlos. *Etnografia do Sudoeste de Angola*, 2ª ed. I volume, C.S. Sp., 1960.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (coord.) *História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África*. Brasília: UNESCO, 2010.

NASCIMENTO, Washington Santos. Conflitos agrários na transição dos séculos: Complexidades e desdobramentos no povoado da Mangabeira - Ituaçu/BA. *Graduação em História*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2003.

_____. Construindo o "negro": lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista -BA (1870-1930). *Mestrado em Ciências Sociais*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2008.

_____. Gentes do Mato: os "novos assimilados" em Luanda (1926 - 1961). *Doutorado em História Social*. Universidade de São Paulo, 2013.

Anexos

Proposta inicial do plano de curso da disciplina

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUILA
MESTRADO EM ENSINO DA HISTÓRIA
DISCIPLINA: Historiografia Africana: obstáculos e estratégias
PROF: Dr. Washington Santos Nascimento
EMAIL: washingtonprof@gmail.com.br

HISTORIOGRAFIA AFRICANA: OBSTÁCULOS E ESTRATÉGIAS

OBJETIVOS

Esta disciplina pretende fazer uma discussão sobre a historiografia do (e sobre) o continente africano e de maneira mais particular Angola. Assim sendo ela visa promover um fórum de discussão para tratar da historiografia de África, abarcando trabalhos que discutam o impacto do colonialismo e suas visões de mundo para a construção de uma história para a África (e Angola) em conflito/diálogo com a escrita da história pelos africanos e/ou descolonizada. Pretende também dar ênfase aos desafios e as novas abordagens da historiografia recente como: os usos das fontes, a crítica aos essencialismos e o pensar (e repensar) sobre a gênero e feminismos na produção histórica africana

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

I - Questões Introdutórias

II – Colonialismo e a Construção de uma História para o Continente Africano

III - A Escrita da História da África

IV - Á África pelos Africanos

V - O Colonial e a História do Continente Africano

VI- Desafios e Caminhos para a Historiografia Africana

5.1 - A Questão Das Fontes

5.1.1 – Fontes Escritas

5.1.2 – Memória E Oralidade

5.1.3 – A Literatura

5.2 - A Crítica aos Essencialismos

5.3 - Pensando e Repensando sobre Gênero e Feminismos

CRONOGRAMA DAS AULAS/BIBLIOGRAFIA
--

Dia 01

I - QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

HOUNTONDJI, Paulin. J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre estudos africanos. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais* n.80, Março de 2008. Coimbra – Portugal.

LOPES, Carlos. “A pirâmide invertida – historiografia africana feita por africanos”. In: Actas do colóquio Construção e ensino da história da África. Lisboa: Linopazas, 1995. pp. 21-29

II – COLONIALISMO E A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA PARA O CONTINENTE AFRICANO

Obrigatórias:

MENESES, Maria Paula G. Os espaços criados pelas palavras – Racismos, etnicidades e o encontro colonial. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 55-76.

NASCIMENTO, Washington Santos, PEREIRA, Matheus Serva. “Etnicidades e os Outros em contextos coloniais africanos: reflexões sobre as encruzilhadas entre História e Antropologia”. In: SANTANA, Marise de; FERREIRA, Edson Dias; NASCIMENTO, Washington Santos (Orgs.). *Etnicidade e trânsitos: estudos sobre Bahia e Luanda*. Jequié; Rio de Janeiro: PRGREG (UESB) e Áfricas (UERJ – UFRJ), 2017

Complementar:

CASTRO HENRIQUES, Isabel. “A ideologia colonial e os africanismos portugueses” e “Vazios e ambigüidades do discurso científico português”. In: CASTRO HENRIQUES, Isabel. *Percursos da modernidade em Angola. Dinâmicas comerciais e transformações sociais no século XIX*. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical & Instituto da Cooperação Portuguesa, 1997, pp.33-81.

Dia 02

III - A ESCRITA DA HISTÓRIA DA ÁFRICA

Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 5, Janeiro – Junho de 2018.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida e NASCIMENTO, Washington Santos. Intelectuais das Áfricas: aproximações e Palavras Finais In: CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida & NASCIMENTO, Washington Santos. (Org.). *Intelectuais das Áfricas*. 1ed.Campinas/SP: Pontes Editores, 2018, v. , p. 17-36.

CHAVES, Rita. “O passado presente na literatura angolana” e “o projeto literário angolano: a identidade a contrapelo” In: CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*; São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

COOPER, Frederick. “A escrita da história de África durante e depois de um tempo de libertação: apontamentos pessoais”. In: COOPER, Frederick. *História de África. Capitalismo, Modernidade e Globalização*. Lisboa: Edições 70, 2016.

IV - Á ÁFRICA PELOS AFRICANOS

Obrigatórias:

BARBOSA, Muryatan S. A construção da perspectiva africana: uma história do projeto História Geral da África (UNESCO). *Revista Brasileira de História* (Online), v. 32, p. 211-230, 2012.

BARRY, Boubacar. Escrevendo História na África depois da independência: o caso da Escola de Dakar. In BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: O Desafio da História Regional*. RJ: Centro de Estudos Afro-Asiáticos/Universidade Cândido Mendes, 2.000, p.35-64

Complementar:

BOTELHO, Guilherme.; BARBOSA, Muryatan.; SAPEDE, Thiago. A perspectiva africana de Joseph Ki-Zerbo. In: MACEDO, J. R. *O pensamento africano no século XX*. SP: Outras expressões, 2016, p.111-139.

KI-ZERBO, Joseph. “As tarefas da história na África” In: KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra – I*. Publicações EuropaAmérica, 1999, pp. 9-39

Dia 03

V - O COLONIAL E A HISTÓRIA DO CONTINENTE AFRICANO

COOPER, Frederick. “Conflito e conexão: repensando a História Colonial da África”. In: Anos 90, *Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, Vol. 15, nº 27, jul. 2008, p.21-73*.

NETO, Maria da Conceição Neto, « De Escravos a “Serviçais”, de “Serviçais” a “Contratados”: Omissões, percepções e equívocos na história do trabalho africano na Angola colonial », *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 33 | 2017

Complementar:

BALANDIER, Georges. A situação colonial: uma abordagem teórica. In: SANCHES Manuela Ribeiro (org.). *As malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011, pp. 219-252.

McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. (Introdução e capítulo 3)

VI - DESAFIOS E CAMINHOS PARA A HISTORIOGRAFIA AFRICANA

5.1 - A QUESTÃO DAS FONTES

5.1.1 – Fontes Escritas

HEINTZE, Beatrix. “As fontes escritas e a história de África”. In: HEINTZE, Beatrix. *Angola nos séculos XVI e XVII*. Estudos sobre Fontes, Métodos e História, Luanda: Kilombelombe, 2007

DULLEY, Iracema. Fontes e contextos do Arquivo Nacional de Angola: entrevista com Alexandra Aparício. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. Número 12 — 2017, p. 229-245.

Complementar:

HENRIQUES, Isabel de Castro. “Presenças angolanas nos documentos escritos portugueses”. In: Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola. Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000, p.25-63.

Dia 04

5.1.2 – Memória e Oralidade

Obrigatória:

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (coord.) *História Geral da África I*. Metodologia e Pré-História da África. Brasília: UNESCO, 2010.

LEITE, Ana Mafalda. Oralidade na produção e crítica literárias africanas In: LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

Complementar

BARRY, Boubacar. “Reflexão sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia”. In BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio de uma história regional*. RJ: SEPHIS/CEAA, 2000, p.5-34 (30 paginas)

5.1.3 – A literatura

Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 5, Janeiro – Junho de 2018.

Obrigatória:

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura e “Arquivos da Memória”: Negociação e Dispersão dos Sentidos. In: SECCO, Carmem Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.). *África, Escritas Literárias*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: Editora UEA, 2010.

[NASCIMENTO, Washington Santos](#). Universo mítico-religioso Kimbundu e trânsitos culturais em Uanhenga Xitu. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (Online)*, v. 32, p. 1-14, 2017.

Complementar:

NASCIMENTO, Washington Santos. Casamentos inter-raciais e racismo na Luanda de “Os discursos do Mestre Tamoda” (Angola, 1940 – 1960) [texto inédito, no prelo].

Dia 05

5.2 - A CRÍTICA AOS ESSENCIALISMOS

Obrigatória:

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. In: Estudos Afro-Asiáticos. a.23, n.1. Rio de Janeiro: Centro de Estudos AfroAsiáticos; Universidade Cândido Mendes, 2001. p.171-209.

REIS, Eliane Lourenço de Lima. Por uma literatura africana In: REIS, Eliane Lourenço de Lima. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

Complementar:

APPIAH, Kwame Anthony. Identidades Africanas In: APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa De Meu Pai. A África na Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

5.3 - PENSANDO E REPENSANDO SOBRE GÊNERO E FEMINISMO

OYĔWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĔWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies*. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar: CODESRIA, 2004, p. 1-8.

CIRNE, Michelle. A produção necessária das intelectuais feministas africanas no campo dos estudos de gênero e a agência do Codesria. *Revista África(s)*, v. 04, n. 08, p. 104-114, jul./dez. 2017. AFRICANA. Aportaciones para la descolonización del feminismo. Barcelona: Oozebap, 2013

BIBLIOGRAFIA

Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 5, Janeiro – Junho de 2018.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa De Meu Pai. A África na Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BALANDIER, Georges. A situação colonial: uma abordagem teórica. In: SANCHES Manuela Ribeiro (org.). *As malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011, pp. 219-252.

[BARBOSA, Muryatan S.](#) A construção da perspectiva africana: uma história do projeto História Geral da África (UNESCO). *Revista Brasileira de História* (Online), v. 32, p. 211-230, 2012.

BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: O Desafio da História Regional*. RJ: Centro de Estudos Afro-Asiáticos/Universidade Cândido Mendes, 2.000.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida & NASCIMENTO, Washington Santos. (Org.). *Intelectuais das Áfricas*. 1ed.Campinas/SP: Pontes Editores, 2018.

CIRNE, Michelle. A produção necessária das intelectuais feministas africanas no campo dos estudos de gênero e a agência do Codesria. *Revista África(s)*, v. 04, n. 08, p. 104-114, jul./dez. 2017. AFRICANA. Aportaciones para la descolonización del feminismo. Barcelona: Oozebap, 2013

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*; São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

COOPER, Frederick. *História de África. Capitalismo, Modernidade e Globalização*. Lisboa: Edições 70, 2016.

_____. “Conflito e conexão: repensando a História Colonial da África”. In: Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, Vol. 15, nº 27, jul. 2008, p.21-73.

DULLEY, Iracema. Fontes e contextos do Arquivo Nacional de Angola: entrevista com Alexandra Aparício. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. Número 12 — 2017, p. 229-245.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura e “Arquivos da Memória”: Negociação e Dispersão dos Sentidos. In: SECCO, Carmem Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.). *África, Escritas Literárias*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: Editora UEA, 2010.

HEINTZE, Beatrix. *Angola nos séculos XVI e XVII*. Estudos sobre Fontes, Métodos e História, Luanda: Kilombelombe, 2007

HENRIQUES, Isabel de Castro. “Presenças angolanas nos documentos escritos portugueses”. In: Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola. Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000, p.25-63.

_____. Percursos da modernidade em Angola. Dinâmicas comerciais e transformações sociais no século XIX. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical & Instituto da Cooperação Portuguesa, 1997, pp.33-81.

HOUNTONDJI, Paulin. J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre estudos africanos. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais* n.80, Março de 2008. Coimbra – Portugal.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

LOPES, Carlos. “A pirâmide invertida – historiografia africana feita por africanos”. In: Actas do colóquio Construção e ensino da história da África. Lisboa: Linopazas, 1995. pp. 21-29

KI-ZERBO, Joseph. (coord.) *História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África*. Brasília: UNESCO, 2010.

_____. *História da África Negra – I. Publicações Europa América*, 1999.

MACEDO, José R. *O pensamento africano no século XX*. SP: Outras expressões, 2016,

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. In: *Estudos Afro-Asiáticos*. a.23, n.1. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro Asiáticos; Universidade Cândido Mendes, 2001. p.171-209.

McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MENESES, Maria Paula G. Os espaços criados pelas palavras – Racismos, etnicidades e o encontro colonial. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 55-76.

NASCIMENTO, Washington Santos. Universo mítico-religioso Kimbundu e trânsitos culturais em Uanhenga Xitu. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (Online)*, v. 32, p. 1-14, 2017.

_____. Casamentos inter-raciais e racismo na Luanda de “Os discursos do Mestre Tamoda” (Angola, 1940 – 1960) [texto inédito, no prelo].

NETO, Maria da Conceição Neto, « De Escravos a “Serviçais”, de “Serviçais” a “Contratados”: Omissões, percepções e equívocos na história do trabalho africano na Angola colonial », *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 33 | 2017.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar: CODESRIA, 2004, p. 1-8.

REIS, Eliane Lourenço de Lima. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

SANTANA, Marise de; FERREIRA, Edson Dias; NASCIMENTO, Washington Santos (Orgs.). *Etnicidade e trânsitos: estudos sobre Bahia e Luanda*. Jequié; Rio de Janeiro: PRGREG (UESB) e Áfricas (UERJ – UFRJ), 2017.

Anexos 2**Foto 1 e 2:** Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED – Huíla)

Foto: acervo pessoal de Washington Nascimento

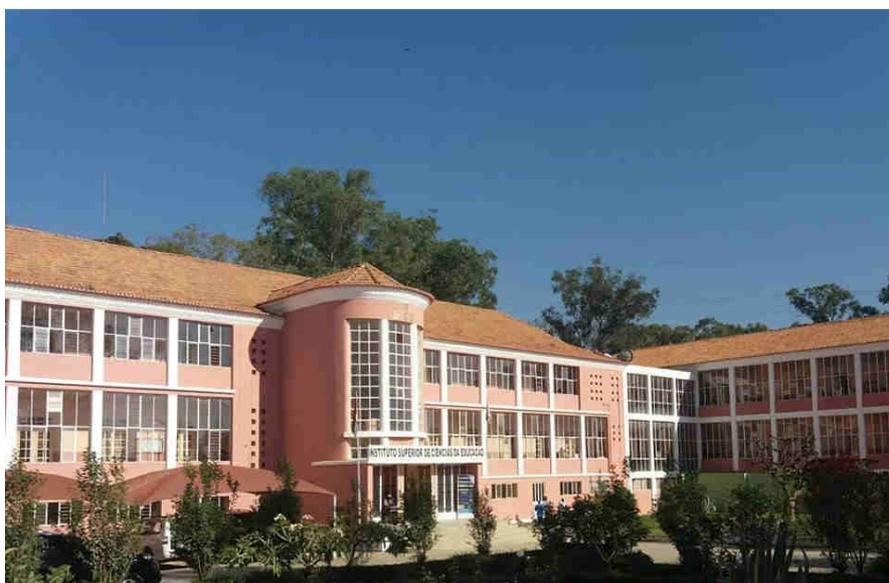


Foto: acervo pessoal de Washington Nascimento

Foto 3: Primeiro dia da disciplina Historiografia Africana no mestrado em Ensino de História do ISCED – Huíla (26 de Junho de 2018).



Foto: Helder Bahu

Fotos 2, 3 e 4: Turma no Primeiro dia da disciplina Historiografia Africana no mestrado em Ensino de História do ISCED – Huíla (26 de Junho de 2018).



Foto: Helder Bahu



Foto: Helder Bahu



Foto: acervo pessoal de Washington Nascimento

Foto 5: Professor Washington Nascimento e discentes no segundo dia do Congresso Internacional Valências e Saberes do Sudoeste Angolano – ISCED (27 e 28 de Junho de 2018).



Foto: organização do evento

Foto 6: Trabalho de Campo no Cemitério do Bairro Forte de Santa Rita no Namibe junto a alguns alunos.



Foto: acervo pessoal de Washington Nascimento

Foto 7: Trabalho de Campo no Bairro Forte de Santa Rita junto aos meus alunos dos ISCED (Marcelino, Fred e Paulo) e os membros/músicos do bloco de carnaval (Mendonça, Emidio, Vicuria e Jaimito).



Relato de experiência recebido para publicação em: Julho de 2018.

Relato de experiência aprovado para publicação em: Agosto de 2018.